



A VIDA APÓS O ESTUPRO: SUBJETIVIDADE E ESTIGMA*

Judite Rodrigues dos Santos

Esta dissertação estuda a vida social e subjetiva da mulher após o estupro, numa perspectiva de gênero. A pesquisa foi realizada na cidade de Goiânia, onde foram entrevistadas vítimas de estupro. Procurou-se apreender as relações estabelecidas pela vítima com a família, o meio não familiar e a delegacia de polícia, percebidas nos depoimentos das vítimas. Buscou-se perceber o tipo de interação subjetiva da vítima com os elementos sociais que marcam sua vida após o estupro, como vergonha, estigma e culpa. A pesquisa também levantou dados sobre o estupro na Delegacia de Defesa da Mulher, de Goiânia.

O fato do estupro gera modificações na vida social da vítima, produzidas em consequência da culpa, da vergonha e do estigma que ele provoca. A família é a instituição que mais auxilia a vítima na busca de restauração do seu equilíbrio emocional. Nisso, muitas relações familiares são modificadas.

A delegacia da mulher tem uma preocupação com a sensibilidade própria para casos de violência doméstica e com as formas próprias de atendimento à mulher. Por mais que a vítima de estupro receba na delegacia alguns cuidados especiais, como um tratamento mais humanizado, diferente do que receberia em delegacias comuns, ela não se satisfaz com o trabalho da delegacia. É que os casos de estupro inspiram uma revolta muito grande na vítima e em seus familiares e amigos contra os estupradores, por isso o que se busca na delegacia é eficiência nas investigações.

* Dissertação de Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da Profa. Dra. Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza.

